

## *O carste e as cavernas pelos olhos de D. Pedro II, “O Imperador Cientista”*

*The karst and caves through the eyes of D. Pedro II, “The Emperor Scientist”*

*El karst y las cuevas a través de los ojos de D. Pedro II, “El Emperador Científico”*

Luiz Eduardo Panisset Travassos  
PUC Minas e da UFMG  
luizepanisset@gmail.com

Sebastião Ricardo Machado Meireles  
Centro Universitário de Caratinga (UNEC)  
sebastiao.ricardo@outlook.com

---

### **Resumo**

Dom Pedro II era considerado um erudito e entusiasta das artes e da cultura, além de um importante patrocinador da ciência, faceta pouco conhecida pela maioria dos brasileiros. Foi educado com base nos ideais do Iluminismo e fez relatos detalhados sobre a fauna e a flora dos lugares, além de registrar nos seus diários, suas impressões geográficas dos lugares. Menos conhecidos são seus registros sobre geografia física, cavernas e áreas cársticas pelas quais passou. Dessa forma, o principal objetivo dessa pesquisa é o destaque dos registros da paisagem cárstica e suas feições no Brasil e em outros países. Para cumprir o objetivo, os autores realizaram uma pesquisa documental nos diários de viagem do Imperador (1840-1889). O material foi transcrito para cerca de 1.064 páginas, dividido em dois eixos temáticos. Embora não seja possível afirmar que os registros foram estritamente carstológicos ou espeleológicos, os registros são, até certo ponto, bem científicos. Portanto, é impossível negar a importância e o valor cultural desses documentos.

**Palavras-chave:** Carste; Cavernas, Imperador brasileiro; D. Pedro II.

---

### **Abstract**

Dom Pedro II was considered a scholar and enthusiast of arts and culture and an important sponsor of science, a facet little known by most Brazilians. He was educated based on the ideals of the Enlightenment. Less well known are his writings on physical geography, caves, and karst areas he passed through. Thus, the main objective of this research is to highlight the records of the karst landscape and its features in Brazil and other countries. To fulfil the objective, the authors carried out documentary research

in the travel diaries of the Emperor (1840-1889). The material was transcribed to around 1,064 pages, divided into two thematic axes. He made detailed accounts of the fauna and flora of the places registering in his diaries his geographical impressions of the places. While it is not possible to say that the records were strictly karstological or speleological, the documents are, to some extent, quite scientific. Therefore, it is impossible to deny the importance and cultural value of these documents.

**Keywords:** Karst; Caves; Brazilian Emperor; D. Pedro II.

---

### **Resumen**

Dom Pedro II fue considerado un estudioso y entusiasta de las artes y la cultura y un importante patrocinador de la ciencia, una faceta poco conocida por la mayoría de los brasileños. Fue educado en base a los ideales de la Ilustración. Menos conocidos son sus escritos sobre geografía física, cuevas y áreas kársticas por las que pasó. Así, el principal objetivo de esta investigación es resaltar los registros del paisaje kárstico y sus características en Brasil y otros países. Para cumplir con el objetivo, los autores realizaron una investigación documental sobre los diarios de viaje del Emperador (1840-1889). El material se transcribió en unas 1.064 páginas, divididas en dos ejes temáticos. Hizo relatos detallados de la fauna y la flora de los lugares, escribiendo en sus diarios sus impresiones geográficas de los lugares. Si bien no es posible decir que los registros fueran estrictamente karstológicos o espeleológicos, los documentos son, hasta cierto punto, bastante científicos. Por tanto, es imposible negar la importancia y el valor cultural de estos documentos.

**Palabras Clave:** Karst; Cuevas; Emperador brasileño; D. Pedro II.

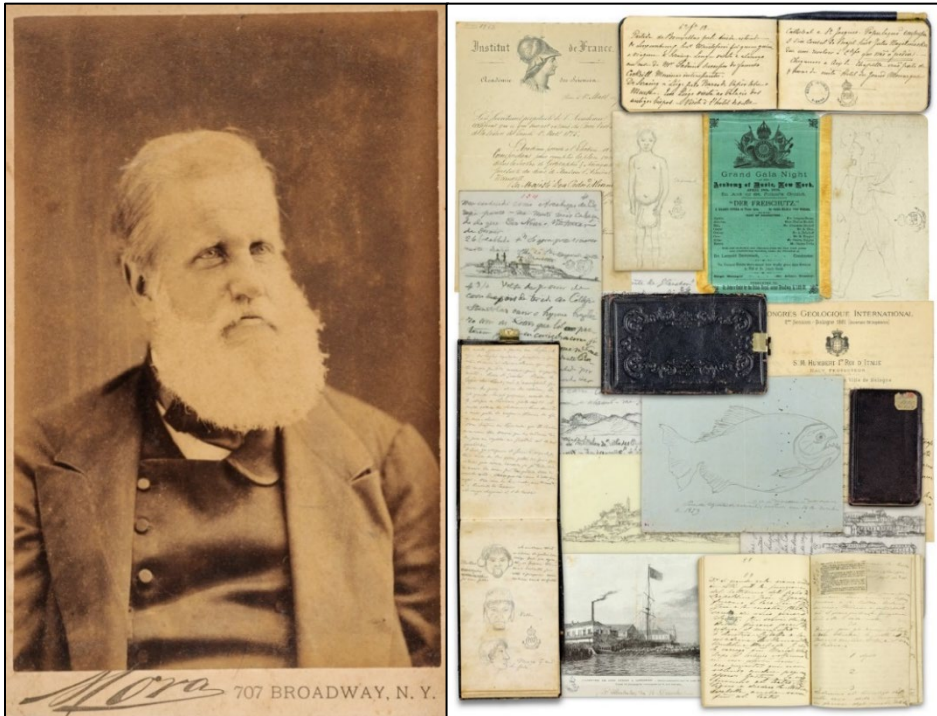
---

## **Introdução**

Dom Pedro II, o segundo e último imperador do Brasil era um erudito e entusiasta das artes e da cultura, além de conhecido como um importante patrocinador da ciência. Embora essa faceta seja pouco conhecida pela maioria dos brasileiros, o imperador foi respeitado por cientistas europeus como Graham Bell, Louis Pasteur e Charles Darwin.

O imperador foi educado com base nos ideais do Iluminismo, concentrando seus estudos em Política e Ciências. Estudou História Natural, Geografia, História, Literatura, latim, francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e grego, entre outros assuntos. Ao viajar pelo Brasil e outras partes do mundo, fez relatos detalhados sobre a fauna e a flora dos lugares, além de registrar suas impressões geográficas dos vários locais visitados em 43 diários escritos ao longo dos 49 anos de seu reinado.

Sua importância é tão grande que vários documentos imperiais foram incluídos no Programa Memória do Mundo da UNESCO (MoW), incluindo os documentos relacionados às suas viagens (Figura 1).



**Figura 01:** Foto de Dom Pedro II e seus diários que foram digitalizados pelo Museu Imperial (Fonte: Museu Imperial).

Tais registros pessoais são valiosos documentos da segunda metade do século XIX, dignos de preservação. Menos conhecidos são seus registros sobre geografia física, cavernas e áreas cársticas pelas quais passou. Dessa forma, o principal objetivo desse trabalho é o de destacar de que forma D. Pedro II registrou a paisagem cárstica e suas feições no Brasil e em outros países. Para cumprir o objetivo, os autores realizaram uma pesquisa documental nos diários de viagem do Imperador (1840-1889) e que foram digitalizados pelo Museu Imperial, unidade do Instituto Brasileiro de Museus, autarquia federal anexada ao Ministério da Cultura. O material foi transcrito para cerca de 1.064 páginas, dividido em dois eixos temáticos: *Viagens na Colônia* e *Viagens no Exterior*

### **A Educação de Pedro de Alcântara e a Educação Europeia Dada aos Príncipes**

No dia 2 de dezembro de 1825, nasceu no Paço da Boa Vista, Rio de Janeiro, Pedro de Alcântara, “o príncipe-herdeiro de todas as esperanças nacionais” (SCHWARCZ, 1999, p. 62), dando início a trajetória do segundo e último Imperador do Brasil.

Seus primeiros cinco anos de vida foram marcados por perdas familiares. Para Carvalho (2007, p.13), “a palavra que melhor define sua infância é orfandade”, e que pode

ser dividida em dois momentos. O primeiro, quando sua mãe, a Imperatriz D. Leopoldina, morre devido a complicações de um parto prematuro dias depois de ele completar um ano de idade. O segundo momento diz respeito à abdicação de seu pai ao trono, em 1831, motivado por uma sucessão de crises internas e externas que o obrigam a retornar a Portugal.

Sua educação inicial ficou a cargo de sua “segunda mãe, na pessoa da Condessa de Belmonte, D. Marianna de Verna Magalhães, cujos desvelos foram entregues, desde o nascimento, o imperial menino” (CAMPOS, 1871, p.18). Preceptora Mariana, por meio do catecismo, iniciou o jovem príncipe nas leituras.

Quando abdicou e voltou para Portugal, D. Pedro I teve a intenção de que seu filho Pedro de Alcântara recebesse uma boa educação e fosse preparado para defender o Império herdado por ele. Dessa forma, o Imperador designou seu amigo, o artífice da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva, como tutor de seu filho. Esse ofereceu uma educação rígida e, assim, D. Pedro I estava certo de que colocava “(...) ao lado de seu filho um homem de coração e de abnegação, que havia aprendido a conhecer à sua custa os perigos do poder e que não podia ensinar a seu augusto discípulo senão princípios cheios de sabedoria e patriotismo” (MOSSÉ, 2015, p.47).

Contudo, a educação do futuro Imperador do Brasil seguiu outro direcionamento, em 1834, quando José Bonifácio, que enfrentava uma série de conflitos pessoais e políticos, é destituído da função de tutor. A partir de então, o Marquês de Itanhaém assumiu a tutela e organizou um eficiente plano de estudos.

O futuro Imperador recebera a educação enciclopédica dada por tradição aos príncipes (AZEREDO, 1911). A partir do século XVIII, com os ideais iluministas borbulhando na Europa, sobretudo na França, essa educação passa por transformações conceituais, especialmente quanto ao estudo da política e das ciências. A figura divina do soberano dá lugar ao príncipe esclarecido. Tais ideais refletiram na educação do menino Pedro de Alcântara, tornando-o um governante sábio. Isso, inclusive, era uma preocupação de seu pai, D. Pedro I:

Aconselhara-se o pai a estudar, pois o tempo em que se respeitavam os Príncipes, por serem Príncipes unicamente, acabou-se; no século em que estamos, em que os Povos se acham assaz instruídos de seus direitos, é mister que os Príncipes igualmente sejam e conheçam que são homens e não divindades, e que lhes é indispensável terem muitos conhecimentos e boa opinião para que possam ser mais depressa amados do que mesmo respeitados(...) (CALMON, 1975, p.84).

Seu novo tutor convidou excelentes mestres e professores para auxiliá-lo na educação de Pedro II, como confirmado pelo Quadro 1.

**Quadro 1: Mestres de D. Pedro II**

MESTRE	CONTEÚDO MINISTRADO
Alexandre Vandelli	Ciências Naturais
Cândido Batista de Oliveira	Física e Matemática
Cândido José de Araújo Lima (Marquês de Sapucaí)	Latim, Literatura e Ciências Positivas
Dr. Roque Schüch (Barão de Capanema)	Alemão, Italiano e História Universal
Félix Emile Taunay (Barão de Taunay)	Geometria, História Universal e das Artes, Literatura Antiga, Grego e Botânica
Frei Pedro de Santa Mariana	Latim, Aritmética, Geometria e Religião
Fortunato Mazzioti e Lourenço Lacombe	Música e Dança
Luís Aleixo Boulanger	Escrita, Leitura, Caligrafia e Geografia
Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) e Roberto João Damby	Esgrima e Equitação
Nataniel Lucas	Inglês
Padre Renato Pedro Boiret	Francês, Geografia, Leitura e Primeiras Letras
Simplicio Rodrigues de Sá	Desenho e Pintura

**Fonte:** Elaborado pelos autores com dados extraídos de Calmon (1975, p.85-86), Besouchet (1973, p.54-55) e Carvalho (2007, p.31-32).

Contudo, de nada adiantaria um plano de estudos eficiente e excelentes mestres se o jovem menino não colaborasse. Entretanto, não era preciso chamá-lo para os estudos. Pelo contrário, era preciso pedir-lhe para diminuir a intensidade. Muitas vezes, o Marquês de Itanhaém, tarde da noite, ia ao quarto de D. Pedro II e o encontrava sobre os livros. Aos 13 anos de idade, já falava e traduzia do francês e do inglês e começou a estudar latim e alemão, demonstrando seu interesse e dedicação aos estudos (CAMPOS, 1871).

### **O Imperador: um Homem da Ciência ou um Homem a Favor da Ciência?**

Certa vez em seu diário (1861)<sup>1</sup>, D. Pedro II afirmou que havia nascido para se consagrar às letras e às ciências. Durante seus 49 anos de reinado não faltaram exemplos de seu apreço e dedicação à ciência. Foi respeitado por cientistas, artistas e literatos, como Carlos de Ribeyrolles, Fernando Wolff, Dumas Filho, Cesar Cantú, Victor Schoelcher, Julio Simon, Adolpho Frank, Arsenio Houssaye, De Amicis, Légouvé, Boissier, Charcot, Richard Wagner e tantos outros. O cientista francês, Louis Pasteur, dizia que o imperador era um homem da ciência e Darwin afirmava que o imperador fez tanto pela ciência, que todo homem instruído lhe deve o maior respeito (AZEREDO, 1911).

É provável que o Imperador tenha herdado a paixão pela ciência de sua mãe, responsável por trazer missões científicas ao Brasil, como aquela comandada pelo naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, na primeira metade do século XIX. Ademais, com uma formação enciclopédica, D. Pedro II foi um dos homens mais eruditos da América em sua época. Azeredo (1911) afirma que, em um raro e coincidente

<sup>1</sup> Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu Pai imperasse ainda estaria eu há 11 anos com assento no Senado e teria viajado pelo mundo (DOM PEDRO II, 1861, p.154).

momento, especificamente durante uma viagem, o filósofo alemão Nietzsche conversara com o Imperador por algumas horas, e sem saber com quem conversava, perguntou: “quem é este homem extraordinário?”

Entre seus estudos, destaca-se o forte interesse pelas línguas. Para ele, que lia de tudo, conhecer outras línguas auxiliava nos seus estudos, de forma geral. No Palácio Imperial, passava horas na sua sala predileta, uma vasta biblioteca que reunia um numeroso acervo que continha livros de diversos escritores da Europa em vários idiomas, mapas, atlas, desenhos, esculturas e um espaço que abrigava, ainda, um museu, sala de física, um observatório e um gabinete telegráfico. Renomados escritores e cientistas de várias partes do mundo lhe escreviam, dedicando ou oferecendo suas obras, dentre eles Alexander von Humboldt (CAMPOS, 1871).

No Brasil, alguns estabelecimentos ou instituições, de caráter científico, foram criados pelo Imperador. Entre eles estão o Observatório Astronômico, o Departamento Central Meteorológico e um Posto Hidrográfico, todos na cidade do Rio de Janeiro. A Biblioteca Nacional, o Museu Nacional (Figura 2) e sociedades científicas bastante ativas como o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, a Sociedade de Geografia, Academia Imperial de Medicina e o Instituto Politécnico foram fundados por D. Pedro II. Acompanhava com frequência os trabalhos dessas sociedades, sobretudo as atividades do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde participava, quinzenalmente, das reuniões científicas (MOSSÉ, 2015, p.199).

Talvez, as duas instituições pelas quais D. Pedro II tivesse mais apreço fossem o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Escola de Minas de Ouro Preto. Pelo primeiro, fundado em 1838, “com o propósito considerável de guardar os documentos de que se faz a memória do povo” (CALMON, 1975, p. 490). Atualmente, o Instituto é referência como entidade de fomento à pesquisa da história do Brasil.



**Figura 02:** Estátua de Dom Pedro II em frente à entrada principal do Museu Nacional, Rio de Janeiro (Foto dos autores)

Já a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto está relacionada com sua viagem à França e as influências daquele país sobre ele. D. Pedro II se reunia frequentemente com diversos estudiosos da Escola de Minas de Paris com o intuito de fundar, no Império, uma

escola semelhante. Contou com o apoio do diretor da Escola de Minas de Paris, Auguste Daubr e, que indicou um de seus discípulos, Claude Henri Gorceix, para montar e executar o projeto (FR D ERIC, 1991).

Dessa forma, em 1876, com total incentivo do Imperador, foi inaugurada a Escola de Minas de Ouro Preto, a primeira no país centrada nos estudos geológicos e mineralógicos. Atualmente, a Escola de Minas integra a Universidade Federal de Ouro Preto e o prédio onde funcionava, deu lugar ao rico Museu de Mineralogia da cidade de Ouro Preto.

Nos diários de viagem do Imperador, encontram-se registros de visitas às academias de ciência em alguns países, onde era recebido com extrema admiração. Fazia questão de participar das sessões, sempre atento às exposições e explicações dos membros. D. Pedro II era associado da Academia de Ciências da Bélgica e membro correspondente da Academia de Ciências de Paris, títulos que o enchiam de orgulho, mesmo que alguns questionassem seu merecimento.

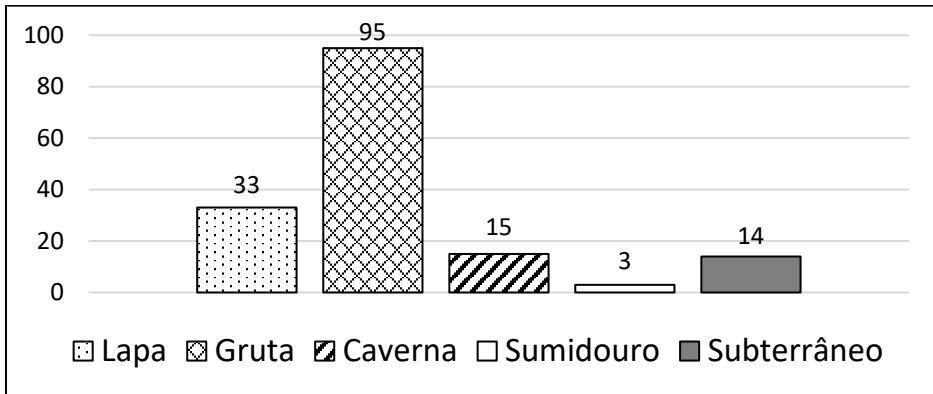
Uma faceta pouco conhecida e bastante relevante para o desenvolvimento cultural e científico do Brasil foi seu apoio e auxílio ao trabalho de “cientistas como Martius, as pesquisas de Lund, de Gorceix, dos naturalistas Couty, Goeldi e Agassiz, dos geólogos O. Derby, Charles Frederick Hartt, do botânico Glaziou e do cartógrafo Seybold” (SCHWARCZ, 1999, p.205). O Imperador D. Pedro II também patrocinou trabalhos de artistas brasileiros como o músico Carlos Gomes, imortalizado pela obra O Guarani. Os artistas João Caetano dos Santos e Pedro Américo de Figueiredo também foram apoiados por ele.

Diante do exposto,   inegável a participação de D. Pedro II nas questões referentes às ciências durante sua vida, bem como sua colaboração para a ampliação dos estabelecimentos científicos no Brasil.

### **A Paisagem Cárstica e as Cavernas nos Diários do Imperador**

Uma análise detalhada nos diários (1840-1889) de D. Pedro II permite a identificação de inúmeros registros sobre a paisagem cárstica e suas feições no Brasil e em outros países. Das cerca de 1.064 páginas transcritas dos originais, o material é dividido em dois eixos principais: 1) as *Viagens na Colônia* e 2) as *Viagens no Exterior*.

Uma pesquisa mais aprofundada revelou mais registros do que os demonstrados inicialmente por Travassos e Meireles (2017). Foram 33 registros ou menções do termo lapa; 95 para a palavra gruta; 15 para a palavra caverna; 3 para sumidouro e 14 para subterrâneo (Figura 3). De todos os 43 volumes, os que se destacam em relação ao tema do trabalho são os volumes 02 e 09, 11 a 15, 17 e 19, 20 a 25, 27, 29 e 30 (Quadro 2). Embora não seja possível afirmar que os registros foram estritamente carstológicos ou espeleológicos, os registros são, até certo ponto, bem científicos e   impossível negar a importância e o valor cultural desses documentos.



**Figura 03:** Quantidade de registros dos termos relacionados ao carste, na ordem em que aparecem nos Diários de Viagem do Imperador D.Pedro II (Fonte: Compilado pelos autores)

**Quadro 2:** Relação dos volumes, título e data que apresentam alguma menção às feições da paisagem cárstica.

VOLUME	TÍTULO	DATA
02	Viagem à costa leste - 1ª parte (Bahia)	01/10 a 07/11/1859
09	Retornando da viagem à costa leste	31/12/1861 a 05/01/1862
11	1ª viagem ao exterior - 1ª parte – Europa	25/05 a 23/06/1871
12	1ª viagem ao exterior - 2ª parte – Europa	14/09 a 08/10/1871
13	Viagem ao exterior - 3ª parte (Egito e Europa)	03 a 14/11/1871
14	Correspondência com a condessa de Barral	1872-1873
15	Viagem a Campos e São Fidélis – RJ	14 a 16 de junho de 1875
17	2ª viagem ao exterior - 1ª parte (América do Norte)	29/04 a 24/06/ 1876
19	2ª viagem ao exterior - 3ª parte (Oriente Médio)	04 a 06/12/1876
20	2ª viagem ao exterior - 4ª parte (Egito)	11 a 23/12/1876
21	2ª viagem ao exterior - 5ª parte (Egito)	24/12/1876 a 06/01/1877
22	2ª viagem a São Paulo -	10/09 a 01/10/1878
23	Viagem ao Paraná	17/05 a 07/06/1880
24	<b>Viagem a Minas Gerais - Primeira parte</b>	26/03 a 19/04 de 1881
25	Viagem a Minas Gerais - Segunda parte	19 a 30/04 de 1881
27	3ª viagem ao exterior - Primeira parte	30/06/1887 a 26/04/1888
29	Viagem para o exílio	6/11/1889 a 11/01/1890
30	Exílio	12/01 a 27/03/1890

**Fonte:** Compilado pelos autores, com base nos Diários do Imperador

O volume 2, Viagem à Costa Leste (01/10 a 7/11/1859) traz, em 3 de novembro de 1859, referência a uma capela de Nossa Senhora da Lapa, em Jaguaripe, “freguesia talvez de mais de 200 anos, (...) uma das mais antigas da província (...). Tem duas igrejas,



de N. Sra. da Ajuda, que é a matriz, onde fui logo e houve Te Deum rezado, e a do Rosário e uma capela de N. Sra. da Lapa”. Embora não tenha sido feita menção especificamente ao carste, a tradição oral portuguesa e o catolicismo popular praticado no Império guardava estreita relação com o culto à Santa em Portugal.

Em 6 de outubro de 1859, aparece pela primeira vez o termo subterrâneo, mas para designar os armazéns do edifício da Alfândega. Sem ser realmente uma caverna como muitos conhecem, é possível pensar no conceito de caverna artificial, pois tais armazéns são feitos no subterrâneo justamente por apresentarem características similares às cavidades naturais subterrâneas. No caso dos subterrâneos da Alfândega, tem-se os mesmos objetivos que se busca na natureza: esconderijo e condições microclimáticas mais estáveis, por exemplo.

O volume 8 trata da Viagem de Petrópolis a Juiz de Fora (22/06 a 27/06/1861) e, embora não tenha as palavras-chave usadas na pesquisa, apresenta ligação com o diário que registra o retorno da Viagem à Costa Leste, o volume 9. Nesse último é possível identificar que o Imperador visita, 18 de junho de 1862, uma fábrica de cerveja e licores. No local, registra a existência de um “um depósito subterrâneo” e o fato de que o dono da fábrica “pretende abrir minas em todo o morro para esse fim”. Mais uma vez, cavernas artificiais são utilizadas por causa da estabilidade de seu microclima para a estocagem das bebidas.

No volume 11, mais uma vez o subterrâneo surge como depósito e no volume 12, em Nuremberg, destaca sua vontade de visitar “um subterrâneo que desce a uma espécie de gruta” (PEDRO II, 1871). No mesmo volume, menciona um “subterrâneo horrível” de uma torre que era utilizado como local de torturas. Nesse caso, o subterrâneo é atrelado a sentimentos topofóbicos.

Em 4 de novembro de 1871, no Egito, grutas artificiais são mencionadas no palácio de Gizé, próximo às famosas pirâmides. O termo lapa, que é comum em Portugal e no Brasil, surge novamente somente no volume 15.

No volume 17, as palavras caverna e gruta aparecem com maior frequência. Ao visitar a América do Norte pela segunda vez, destaca as paisagens das Montanhas Rochosas e “diversas cavernas como a Cave-of-Sand and Hermit-Grott” (PEDRO II, 1876). Neste volume, a *Mammoth Cave* é lembrada por apresentar uma “corrente de ar muito frio” (PEDRO II, 1876) que, pela intensidade, poderia apagar as chamas das lanternas dos visitantes. Atualmente considerada a maior caverna do mundo, o sítio e seu entorno são Patrimônio Cultural da UNESCO e uma Reserva da Biosfera. As inúmeras pesquisas carstológicas e espeleológicas na região registram diversos dados microclimáticos. Em 1876, D. Pedro II registrava temperatura do ar constante em 15°C e uma trilha “até as proximidades do Green-River, muito leve e agradável”. O mais interessante nesse caso é o fato de que a temperatura constante registrada em 1876 é praticamente a mesma em 2021, conforme demonstrado por Palmer (1981), Jernigan e Swift (2001), Palmer (2004) e pelo National Park Service (2021).

O Imperador explorou a caverna por cerca de 4 horas e as dificuldades da exploração espeleológica e a morfologia de condutos são destacadas:

A princípio o caminho é fácil, mas depois deve-se muitas vezes andar quase que de gatinhas e atravessa um escavado na pedra cheio de anfractuosidades e de profundidade de um homem até as axilas; tão estreito que apenas pude insinuar-me por ele. Há salões muito vastos e altos, dos quais o main cave tem 5 milhas de extensão. Num destes salões do lado esquerdo há a chamada igreja que a pedra figura e onde já se pregou, noutro, do lado direito, a denominada capela gótica, noutro o cofre de pedra (coffin) e numa das abóbadas as infiltrações arremedam diversos animais. O urso seguro a um pau e um cavaleiro estão muito semelhantes. Passa-se rente a profundidade de até 100 a 200 pés e numa delas há uma pequena canoa chamada do mar-morto. Em duas os abismos sotapõem-se [*sic*] a cavidades nas abóbadas, que parecem chaminés. Todas estas escabrosidades são produzidas pela água carregada de carbônico o qual dissolve a rocha de carbonato de cal. Há passagens muito escorregadias, uma delas rente a um dos abismos mal resguardados por varões bambos ligados por outro mais delgado que dá muito pouco apoio (PEDRO II, 1876).

Nota-se que após a visita à gruta, o viajante se dedicou a estudar mais sobre o assunto, realizando comparações com a Caverna de Postojna (na Eslovênia): “Enfim é uma gruta grandiosa; estupenda como quase tudo nesta terra, mas também sem a natureza artística dos arredados da gruta de Adeslberg” (PEDRO II, 1876). Novamente o microclima cavernícola é destacado principalmente no tocante às diferenças térmicas entre o meio interno e externo: “À saída da gruta o ar externo produzia o efeito das baforadas ardentes em torno de um forno” (PEDRO II, 1876). Já o uso antrópico dos recursos naturais foi notado ao observar “uma escavação (...) com sinais de ferradura e carros na parte onde se tirou salitre durante a guerra de 1812” (PEDRO II, 1876).

Os Volumes 18 e 19 que apresentam relatos da 2ª Viagem ao Exterior (Oriente Médio) demonstram uso cultural religioso da paisagem cárstica. Em 16 de novembro de 1876, chega a Damasco (Síria) e visita o túmulo de Saladino. Em relação ao subterrâneo sagrado, visita a Gruta de Ananias. De acordo com Riesner (1998), a Casa de Santo Ananias, ou a Capela de Santo Ananias é uma antiga estrutura subterrânea que abriga os vestígios da casa de Ananias de Damasco, apóstolo Paulo. “Visitei a gruta de Ananias onde há uma igreja latina tendo sido criado quase todo o rochedo internamente (...)” (PEDRO II, 1876a).

Quando se fala em Oriente Médio e o Cristianismo, destacam-se inúmeros geossítios de importância cultural (TRAVASSOS, 2011; 2015). A Igreja da Anunciação, em Nazaré, é uma igreja Católica construída sobre os remanescentes de igrejas Bizantinas e Católicas da época das Cruzadas. A construção incorporou a caverna onde a Virgem Maria teria recebido a revelação do anjo Gabriel e, por séculos, tem sido o destino de milhares de peregrinos. Assim sendo, os membros da expedição foram:

ouvir missa na Capela da Anunciação (...). Antes da gruta dizem que se achava a casa que apareceu por fim em Loreto. Do lado direito da gruta, que cobre o altar debaixo do qual, num pequeno vão, vê-se uma pedra de mármore indicando o lugar onde a Virgem percebera o anúncio da boca de anjo, há troços de colunas de pedras descendo o superior do alto da gruta e o debaixo elevando-se do chão dela. Do lado esquerdo do altar há uma porta conduzindo a outro vão onde se acha segunda capela menor (...), dando as costas ao primeiro e subindo sempre desse lado uma escada vai-se a terceiro vão ou gruta que dominam a casinha da Virgem. Guardo como lembrança algumas pedrinhas dessa gruta onde o Santo Sacrificio da missa muitíssimo me comoveu (PEDRO II, 1876a).

Em 27 de novembro de 1876, percorreu as planícies de Jericó acompanhando “as muralhas de Jerusalém”; chegando depois a El-Arosieh (Betânia), atravessou “a aldeia para ir ao túmulo de Lázaro”. Nascente provavelmente cárstica, é “a fonte chamada dos Apóstolos por frequentarem eles o caminho de Jerusalém a Jericó e ser a única fonte que nele se encontra. Com bastante água e boa (...). Talvez seja a fonte do sal (Josué 18:18) nos limites das tribos de Benjamin e de Juda” (PEDRO II, 1876a). Sua localização nos carbonatos cretáceos (GSI, 1974; 2016), provavelmente é a responsável pelo nome “fonte do sal”.

Em 29 de novembro de 1876, antes de chegar a Nabi Musa, visita considerado um dos mais importantes sítios de peregrinação muçulmana na região: o túmulo de Moisés. O Imperador destaca as rochas calcáreas brancas que compõem as montanhas do entorno e do local a comitiva segue para S. Sabbas (Mas Sabas, a Grande Lavra de São Sabas). O mosteiro grego ortodoxo se localiza no vale de Cédron, a oeste de Belém e as dificuldades impostas pelo carste são registradas. Robinson (1841) afirma que, entre os séculos IX e V no deserto da Judéia, o movimento monástico prosperou e mais de uma centena de mosteiros surgiram. Locais onde viviam os monges, também eram pontos de encontro para Eucaristias semanais para aqueles que viviam vidas separadas nas cavernas do entorno. Para Alsberg (1993) e a Bethelhem Univeristy (2020), Saba, depois de ser instruído por uma visão, ficou por cinco anos em uma caverna em que era assistido por beduínos locais que o alimentavam com pão, água e tâmaras. Certa noite, teria escutado o barulho dos cascos de um burro pisando no chão; pegou uma ferramenta, foi até o local e cavou a terra para descobrir a água fluindo de um poço. Lá construiu uma igreja e reuniu monges que ficaram em sua “Laura” (ou “Lavra”) - um termo no Cristianismo Ortodoxo que se referia a um agrupamento de cavernas ou celas onde residiam eremitas.

Assim, a Gruta de São Sabbas (Cave of Sabas) tornou-se conhecida ao longo dos anos e é mencionada pelo Imperador no Volume 18 dos seus diários: “Visitei a gruta de S. Sabbas com a capela do Santo e a cavidade onde o leão vivia com êle, a sepultura dele cujos ossos se acham em Veneza é a do ilustrado S. João Damasceno com sua capela, onde se vê através de uma grade a bôca da gruta onde o Santo vivia. Num pequeno quarto havia manuscritos dos Evangelhos e dos sermões de S. Gregório Nazianzeno” (PEDRO II, 1876a).

Em 1 de dezembro de 1876, visita a Igreja do Santo Sepulcro. Também conhecida como a Igreja da Ressurreição para os Ortodoxos do Leste (TRAVASSOS, 2011; 2015), é uma construção Cristã na antiga cidade de Jerusalém. Localiza-se no sítio do calvário e na tumba (caverna) onde Jesus teria sido enterrado. A igreja é considerada um importante centro de peregrinação desde o século IV e se mantém como um dos mais sagrados sítios cristãos no mundo.

Outro lugar sagrado foi a Igreja do Pai Nosso, construída por Constantino no local onde Jesus teria ensinado seus discípulos a rezar. Nos Atos de João, é mencionada a existência de uma caverna no Monte das Oliveiras. A tradição religiosa destaca a presença de uma pequena gruta que faz parte do complexo do Horto de Getsêmani. Essa é a Gruta da Agonia, “onde há uma capela” (PEDRO II, 1876a). O uso do subterrâneo como locais de enterro para as pessoas eram comuns na região e foi mencionado pelo Imperador.

Após confessar na Igreja do Santo Sepulcro em 2 de dezembro de 1876, D. Pedro II visita a Gruta da Natividade onde viu “a designação sobre o solo do lugar da Natividade e perto outra capelinha com dois altares fronteiros”. A Igreja da Natividade é importante sítio sagrado do Cristianismo, pois representa o local tradicional do nascimento de Cristo narrado em Mateus e Lucas. Em nenhum momento é mencionada o termo *caverna* no texto bíblico. Entretanto, o local era mesmo uma caverna, pois na região estas feições são comuns e eram utilizadas como estábulos e depósitos (TRAVASSOS, 2011; 2015).

Os espaços subterrâneos sagrados continuam a ser mencionados. Na Gruta da Natividade,

seguem-se a esta gruta a sepultura de Eusébio de Cremona discípulo de S. Jerônimo, a gruta onde se acham fronteiros os sepulcros de Sta. Paula do lado da gruta da Natividade e de S. Jerônimo e para a direita e para diante aquela onde o Santo estudava. Quebrei com um martelo uma ponta de pedra da parte superior da gruta dos túmulos dos dois amigos e guardo os fragmentos da rocha. Antes do convento fui à cisterna de David, cuja água ele apetecia quando acampado com seu exército junto à gruta de Odollano. Há ao pé outras duas (Biar-Daûd - poços de Davi) onde dizem que existia a casa o pai de David. Do convento fui à Gruta do Leite onde é tradição que a Virgem se refugiara sabendo da perseguição dos Inocentes deixando cair aí gotas de leite amamentando seu filho (...). Atravessando o campo de Booz, (...), cujas montanhas descobria no horizonte, havendo visto um cantinho do Mar Morto durante o caminho, passei por perto de Bait-Sahûr (Casa dos Pastores) e cheguei à Gruta dos Pastores, a que desci por uma escada até a capela no interior dela e onde dizem que o anjo anunciara o nascimento de Cristo” (PEDRO II, 1876a).

Em 3 de dezembro de 1876 visitou a Gruta de Jeremias perto da porta de Damasco, fora da cidade de Jerusalém. Afirma que “é muito vasta e descem-se degraus até ela” (PEDRO II, 1876a). De acordo com a tradição Judaica, a caverna foi utilizada como prisão pelo Rei Zedequias para aprisionar o Profeta Jeremias.

As lapas, grutas e subterrâneos continuam a ser registrados no Volume 20 dos diários do Imperador. No Egito afirma que visitou quase todas as grutas de Beni Hassan, muitas escavadas nos rochedos da margem direita para servirem de túmulos “verdadeiros poços abertos no solo das grutas e tendo dos lados outros por onde passavam os sarcófagos” (PEDRO II, 1876c). Nas descrições das cavernas registra a presença de inúmeros hieróglifos e “desenhos curiosíssimos” (PEDRO II, 1876c). Adams (1886) destaca Beni Hassam como um sítio tão importante quanto as grandes pirâmides. Um outro importante sítio arqueológico egípcio é a Gruta de Artemis. Kipfer (2000) afirma que o sítio é um templo escavado em rochas dedicado à leoa-deusa Pakhet (Pasht).

É interessante destacar que, na maioria dos registros do subterrâneo feitos pelo Imperador, ele apresenta a orientação geográfica deste ou daquele conduto: “Também percorri a gruta chamada Speos Artemidos (...) que não passa de um túmulo aberto (...). No fundo da lapa que está mais ao Norte em Beni Hassan veem-se, num quarto, três estátuas assentadas bastante conservadas, em baixo-relevo, sendo que das três a maior é a do meio” (PEDRO II, 1876c).

D. Pedro II demonstra sua decepção por “não dispor de tempo para visitar as grutas de Tel el Amarna, correspondentes à XVIIIª dinastia. (1.700 – 1.400 a.C.); quase todas servem de sepulcro aos cortesãos de Amenófis IV. Tanto sob esse monarca como sob Ramsés II, representavam os artistas as personagens com os traços fisionômicos do soberano” (PEDRO II, 1876c). Em Amarna estão as ruínas e tumbas da cidade datadas da 18ª Dinastia do Faraó Akhetaton. Está a cerca de 71 km ao norte da moderna cidade de Asyut e 280 km ao sul do Cairo (KIPFER, 2000).

Continuando sua expedição sobre a região, visita as montanhas de Gebel-abu-Fedra (*Gebel Abou Fodah*), na margem direita do Nilo. “Quase à extremidade meridional desses montes acham-se as grutas do Maubdet. Nelas penetrando por uma fenda encontram-se pelo que me contou Mariette Bey - milhares de múmias de crocodilos.” (PEDRO II, 1876c). Na região afirma ter feito “um ligeiro esboço das montanhas, crivadas de grutas escavadas ou naturais.” (PEDRO II, 1876c). A pesquisa bibliográfica nos mostra que as grutas, na verdade, são as de *Maabdah*, localizadas a leste da cidade e a cerca de 30 km ao norte de Asyut (antiga Lykopolis).

A partir de 24 de dezembro de 1876, o Imperador menciona várias grutas dedicadas a Hórus ou a Ramsés II e suas descrições demonstram o interesse do viajante pelos hieróglifos egípcios. A localização das grutas não foi obtida, pois muitas vezes o tradutor dos diários afirma que vários dos nomes próprios citados devem ter sido incorretamente grafados pela dificuldade de interpretação da caligrafia de D. Pedro II, muito apagada e com os caracteres confusos de quem escreve às pressas.

O uso religioso dos subterrâneos aparece mais uma vez quando registra, “em uma das grutas Ramsés II (...) oferendas à tríade tebana e ao deus Nilo, um dos locais onde está associado às outras divindades”. (PEDRO II, 1877).

Ibrim (Qasr Ibrim), é um importante sítio arqueológico egípcio (Núbia Inferior) com “grutas cavadas no rochedo contornado pelas ruínas de uma aldeia” (PEDRO II,

1877) que a pesquisa bibliográfica leva a crer que esteja próxima ao Forte Ibrim. Ao se utilizar de escadas e cordas para atingir “a mais curiosa das quatro grutas”, encontrou “junto à parede do fundo três estátuas, sentadas, esculpidas em baixo-relevo e a cartucha de Ramsés. O teto está pintado em quadrados brancos com cantos em vermelho. Sobre a verga da porta, pelo lado de fora lê-se a cartucha de Amenófis.” (PEDRO II, 1877).

Chegando em Abu Simbel, templo erigido para Ramsés II, a sudeste de Aswan, visita uma gruta ao sul do grande templo. “Ali as pinturas estão ainda bem conservadas e pude ver o abutre desenhado sobre a cabeça do rei, carregando com suas garras o anx entre duas insígnias, todo o conjunto se assemelhando aos contornos de uma lanterna” (PEDRO II, 1877). Já a 13 km ao sul de Abu Simbel, “na margem esquerda (...) mais ao sul achase uma gruta com hieróglifos do período de Ramsés II e mais acima, a oeste, câmaras cavadas na rocha com inscrições coptas com o nome de Diocleciano” (PEDRO II, 1877). Mais uma vez o uso religioso das cavernas, sejam elas naturais ou artificiais, é registrada nos diários. Travassos (2011; 2015) afirma que tais espaços muitas vezes foram utilizados pelas pessoas para fugir das perseguições religiosas. Segundo Pedro II (1877), na região ao sul de Abu Simbel, “os cristãos talvez tenham se refugiado ali durante a perseguição no ano de 303”.

Com as visitas de D. Pedro II ao Egito percebe-se duas coisas: a primeira, seu interesse pela egiptologia e, segundo, a presença de inúmeras cavernas naturais e artificiais, especialmente desenvolvidas nos terrenos carbonáticos do Eoceno e do Mioceno. Vale destacar que D. Pedro I já havia iniciado a relação entre o Brasil e o Egito já em 1824 quando adquiriu um acervo de relíquias antigas. Segundo Bakos (2003), meio século depois a coleção foi aumentada devido ao prestígio de D. Pedro II. O acervo coletado durante anos pelo Imperador foi organizado no Museu Nacional do Rio de Janeiro e provavelmente era, até ser perdido durante um incêndio em 2018, o mais antigo e importante acervo da América do Sul (Figura 4).

Em sua viagem ao Paraná, de 17 de maio a 7 de junho de 1880, D. Pedro II menciona a palavra lapa pelo menos 9 vezes. Menciona sua ida à Câmara Municipal de Ponta Grossa em 31 de maio de 1880 e, depois, segue em direção ao povoado da Lapa. A partir desse momento, surgem descrições genéricas, mas destaque é dado a uma caverna: “Perto da cidade há uma montanha de camadas xistosas onde existe uma lapa (PEDRO II, 1877). O município da Lapa era Santo Antônio da Lapa, sob a jurisdição da vila de Curitiba, em 1797. Devido ao rápido crescimento do povoado, tornou-se Vila Nova do Príncipe, em 1806. Somente em 1872, foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Lapa (HORNUNG, 2007; WACHOWICZ, 2010). Ao deixar o local, repara a “vista bonita da Lapa ao longe” (PEDRO II, 1877). Não existem dúvidas de que menciona a Lapa do Monge. Hoje localizada em um Parque Estadual, o acesso é feito pela “Rodovia do Xisto” (BR-476), mesmo termo utilizado pelo Imperador ao identificar a montanha com camadas xistosas.



**Figura 04:** Detalhes das peças da exposição Egito Antigo, no Museu Nacional, Rio de Janeiro  
(Fonte: Foto dos autores)

Em 1881, os subterrâneos voltam a ser registrados a partir do Volume 24 relacionado à viagem a Minas Gerais. O estado é conhecido por apresentar extensas áreas cársticas e inúmeras cavernas. Entretanto, são poucos os registros nos diários. São apenas oito, mas sobre a importante região do Carste de Lagoa Santa. Em 7 de abril de 1881, o imperador afirma ter “avistado Lagoa Santa do alto de um morro” (PEDRO II, 1881a) para, então, visitar a casa do naturalista dinamarquês Peter W. Lund.

Em 8 de abril de 1881, parte bem cedo para visitar “a gruta da Aldeia (...), no Engenho do Fidalgo, Lapinha pequena, povoação onde se explora uma gruta; (...) uma das 5 do vínculo de Jaguará.” (PEDRO II, 1881a). Nas bases oficiais não existe a “gruta da Aldeia”, mas pelas descrições e toponímia é razoável crer que o Imperador menciona

alguma das cavernas localizadas em Mocambo. Peter Lund tinha especial interesse pela Lapa de Cerca Grande e o imperador menciona ter acampado nas proximidades da propriedade de Mocambo. Se a descrição de D. Pedro II é mesmo a de Cerca Grande ou não, é muito difícil de afirmar. O que é certo é que sua descrição indica a grandeza da feição com termos como “magnífico arco ou pórtico” e andares superiores e inferiores, aspectos comuns ao maciço de Cerca Grande:

Cheguei à gruta às 11. Bonito mato a precede. Desce-se até defronte do rochedo de calcário pouco cristalino entremeado de finas camadas de areia. A parte fronteira semelha um magnífico arco ou pórtico, com púlpito externo e um buraco parecendo uma rosaca. Raízes ou trepadeiras que parecem cordas pendem dessa fachada de igreja gótica, e insinuam-se por entre as falhas da rocha. Estes cipós estão cheios de sal que sobre eles deposita a água, creio que nitrato de potassa, porque ele abunda no interior destas grutas onde o apanham. À direita fica a entrada da gruta que cobre uma espécie de chapéu de chaminé. Belos estalactites na primeira sala semelhando uma imensa juba e outros bambinelas; passagem reptante para a segunda sala que é grande (...). Sobre a sala grande há um andar e penso que também outro inferior. (PEDRO II, 1881a).

A gruta da Escrivania é mencionada, mas não a visitou. Apenas fez o registro do seu encontro com “Manuel Simão dos Reis que disse-me como Lund em companhia encontrara o esqueleto na gruta da Escrevania. Simão tirava salitre e depois de achar os dedos dos pés e o resto do esqueleto procurando mais dera com o crânio (PEDRO II, 1881a).

Deixando a região de Lagoa Santa em direção à Santa Luzia, Sabará e Caeté, descreve alguns locais, mas sem registros dos subterrâneos. Somente em 18 de abril de 1881, em Ouro Preto, menciona a Mina da Passagem, local onde viu “um trabalhador separar facilmente o ouro, que logo pintou, na bateia (PEDRO II, 1881a). Continua pelo “belo caminho que domina um largo vale” (PEDRO II, 1881a), em direção à Antônio Pereira, atual distrito de Mariana. Segundo o Imperador, “a vista do Arraial de Antônio Pereira é muito risonha por causa de suas plantações verdejantes” e ao atravessá-lo chegasse até a Lapa que, segundo ele, “não tem nada de notável. Afearam-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais. Corri o que pude da lapa. Para ver os outros três salões teria que passar quase de rastos dentro da água. Em 15 de agosto que é a romaria não há água na lapa (PEDRO II, 1881a).

O interesse pela geografia física de Minas Gerais é constante:

O caminho tem vistas belíssimas até Ouro Preto. Sobem-se a alta serra de Antônio Pereira cujo arraial tarde se perde vista, avistando-se do lado do vale oposto ao do caminho a mina de Maquiné. Deu-se uma grande volta mais ou menos pela encosta das montanhas que bordam o vale. Por detrás do arraial de Antônio Pereira, mas a boa distância



vê-se a montanha recortada do Frazão que se ladeou vindo de Catas-altas. Avistei pois mais longe para esse lado a serra do Caraça (PEDRO II, 1881a).

No dia 19 de abril, visita a Escola de Minas de Ouro Preto, quando assiste uma aula de seu fundador, Claude-Henri Gorceix. As cavernas carbonáticas do carste de Lagoa Santa são novamente mencionadas: “Enumerou os principais fósseis encontrados por Lund dando às cavernas que foram cheias durante a época quaternária no Brasil o nome de cavernas Lund. O terreno tem sofrido elevações e abaixamentos, cujos vestígios são as numerosas lagoas que se observam em Minas. Falou quase 2 horas, mas o assunto era demasiadamente vasto.” (PEDRO II, 1881a).

O volume que trata da segunda viagem a Minas Gerais traz o registro da região de São João Del Rei, a Serra do Lenheiro e sua caverna mais conhecida (Figura 5): “Já se há muito avistara torres e casas de S. João Del Rei num recanto do lado da serra do Lenheiro” (PEDRO II, 1881b). Em 26 de abril de 1881, acorda bem cedo e caminha:

mais ou menos pelo leito da estrada de ferro margeando o Rio das Mortes com a serra de S. José à esquerda. Bonita vista sobretudo por causa da neblina na serra por detrás da qual levantava-se o sol. Tomei à direita e às 8h estava na boca da gruta (Casa de pedra). Corri-a como pude até perto de 9h. Não há estalactites curiosos a não ser o que chamam de púlpito. Há salas vastas sobretudo a chamada do lustre por causa de uma estalactite que pende do teto em forma de lustre. A gruta tem mais 2 andares superiores que só poderia percorrer se tivesse tempo embora a subida por eles seja difícil. Passagem do Elvas onde constróem viaduto de alguma importância. Depois caminha-se perto da margem esquerda do Rio das Mortes e começa a ver parte da cidade de S. José Del Rei que atravessamos, tendo antes passado a ponte do Rio das Mortes ” (PEDRO II, 1881b)..

Nos diários da 3ª viagem ao exterior, de 30 de junho de 1887 a 26 de abril de 1888, o início é reservado a suas impressões a bordo da embarcação e, em 9 de julho de 1887, afirma que já podia ver “as colinas de Cabo Verde” (PEDRO II, 1887-1888), quando encerra e afirma que em poucas horas chegaria a Dakar, na costa ocidental africana. Após breve descanso, segue para Portugal, quando chega em 15 de julho de 1887. Nada de significativo em relação à temática da pesquisa, chega a Paris em 21 de julho.

Na Itália, em um pequeno povoado, “está a Aleticum dos antigos com uma espécie de fortaleza de enormes pedras e a 1h daí a gruta de Colleparado que penetra 650 metros na montanha, com estalactites muito belos.” (PEDRO II, 1887-1888). Atualmente, a caverna continua sendo um importante atrativo turístico da pequena Colleparado, em Lácio. Mencionada na literatura pela primeira vez em 1796 por Paolo Spadoni (SANTUCCI, 1845; GERALI, 2012; FABBI; MARINO, 2020), a caverna é visitada desde o século VIII. Por se desenvolver em um calcário fortemente carstificado, na região são encontrados inúmeros sumidouros, dolinas e cavernas muito ornamentadas como a mencionada por D. Pedro II.

Quando estive em Nápoles, visita a Gruta Azul (Grotta Azzurra), na Ilha de Capri. A descrição é simples, apenas um registro em 16 de abril de 1888: “O dia está muito bom para ir a Capri (...). A água estava bem azul e prateava os objetos mergulhados. A abóboda natural parecia o fundo de um tacho azinhavrado” (PEDRO II, 1887-1888). Ainda assim, o registro demonstra de que forma essa caverna vem despertando a curiosidade dos visitantes desde a Idade Romana, quando sob Tibério era utilizada como um ninfeu marítimo. Carrington (1938) afirma que a gruta era uma espécie de apêndice subaquático real de uma vila augusto-tiberiana (Gradola), agora reduzida a ruínas. O que comprova essa afirmação são as numerosas estátuas romanas, representando Poseidon, uma salamandra e outras criaturas marinhas encontradas em 1963 após algumas investigações arqueológicas (LA RUSSA *et al.*, 2013).

Em Pozzuoli, no dia 18 de abril de 1888, estive na “Gruta do Cão onde se fez experiência com este animal.” (PEDRO II, 1887-1888). Conhecida como Grotta del Cane, é mencionada por Plínio, o Velho (77 A.D.). A pequena caverna apresenta uma fumarola vulcânica que libera dióxido de carbono no interior. Como esse gás é mais pesado que o ar, ele tende a se acumular nas partes mais baixas da caverna e os guias turísticos antigos costumavam a entrar com um cão que perderia a consciência por estar mais próximo ao chão do que os turistas (TAYLOR, 1832; BOSTOCK; RILEY, 1855; MAJO, 1927). Felizmente, antes da Segunda Guerra Mundial, a prática foi banida em função da crueldade envolvida na prática. De acordo com Halliday e Cigna (2006), a caverna encontra-se protegida por grades para evitar que crianças sofram acidentes no local.

Nos Volumes 29 e 30, os que tratam da viagem para o exílio a partir de novembro de 1889, os registros apontam para visitas à Gruta de Lourdes afirmando que agradou e se encantou com a paisagem. Outra cavidade natural subterrânea mencionada pelo Imperador na França é a Gruta de Gargas, localizada a 45 km a leste de Lourdes. D. Pedro II afirma que a “gruta de Gargas é notável por estalactites. Seu nome é de um senhor, que fez dela prisão. Serviu no 18º século de refúgio a um canibal que matou e devorou mais de 30 mulheres da região” (PEDRO II, 1890). De acordo com Mangin, Bourges e d’Hulst (1999), Rumeau (2002) e Travassos (2011; 2015), também é conhecida como o Santuário das Mãos e foi identificada pela primeira vez em 1575, pelo cosmógrafo francês François de Belleforest.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho destacou de que forma D. Pedro II registrou as paisagens cársticas nas inúmeras viagens que ele realizou em diversas regiões da Europa, Oriente Médio, África, América do Norte, e no Brasil. Para isso, os autores pesquisaram os relatos dos diários de viagens registrados pelo Imperador. Esses registros são documentos de bastante importância, tanto histórica e cultural, quanto científica.

D. Pedro II, como um bom observador e amante da ciência, fazia questão de registrar e comentar tudo que via. No caso dessa pesquisa, privilegiou-se os relatos sobre as características físicas e culturais que ele conhecia nas viagens. Como foi possível observar ao longo dessas páginas, sua educação o preparou para ser um homem da ciência.

E ele não decepcionou. Foi, durante toda a vida, envolvido com cientistas e artistas de várias partes do mundo. Chegou, inclusive, a ser membro de algumas academias científicas da Europa.

Nas 1.064 páginas dos seus diários (43 volumes), encontrou-se 160 menções relacionadas com a paisagem cárstica, divididas entre os termos: caverna, gruta, lapa, sumidouro e subterrâneo, além de descrições da geografia física de várias regiões. Mesmo que não seja possível afirmar que os registros são especificamente carstológicos e/ou espeleológicos, são registros considerados científicos. Ademais, o seu valor cultural é inestimável. Tanto que foram incluídos no Programa Memória do Mundo da UNESCO (MoW).

Entre as várias descrições de D. Pedro II relacionadas com a paisagem cárstica, destacam-se as descrições em que ele relata as dificuldades da exploração espeleológica e a morfologia de alguns condutos, por exemplo. O imperador realizou, também, comparações entre cavernas, grutas e lapas de diferentes localidades, o que demonstra o rigor de suas descrições.

Outro ponto importante relatado em seus diários são os registros do uso cultural e religioso da paisagem cárstica, sobretudo em visitas de grutas, lapas e cavernas sagradas, como na Gruta de Ananias, na Gruta da Agonia e na Gruta da Natividade.

## Referências

- ADAMS, D. *Famous caves and catacombs: described and illustrated*. Edinburgh: T. Nelson and Sons, 1886.
- ALSBERG, T. *The Churches of the Crusader Kingdom of Jerusalem: A Corpus, Volume 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- AZEREDO, C. M. de. Dom Pedro II – *Traços da sua physionomia moral*. Rio de Janeiro: Alvaro Pinto (Anuario do Brasil), 1911.
- BAKOS, M. M. Laços Imperiais do Egito antigo com o Brasil. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 29, n. 1, p. 137-150, 2003. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2003.1.24123>.
- BETHLEHEM UNIVERSITY. *The Monastery of “Mar Saba”*. Bethlehem: Bethlehem University, 2020. Disponível em: <https://www.bethlehem.edu/news/2020/03/the-monastery-of-mar-saba/> Acesso em: 20 jan. 2021.
- BOSTOCK, J.; RILEY, H. T. *Pliny the Elder: The Natural History*. Perseus at Tufts, 1855. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Plin.+Nat.+toc> Acesso em: 11 nov. 2020.
- CAMPOS, M. J. P. de. *O Senhor D. Pedro II: Imperador do Brasil – Biographia*. Porto: Typographia Pereira da Silva, 1871.
- CARVALHO, J. M. de. *D. Pedro II* / por José Murilo de Carvalho; coord. Elio Gaspari e Lília M, Schwarcz – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FABBI, S.; MARINO, M. *La Grotta di Collepardo* (Monti Ernici, FR) / The Collepardo cave (Ernici Mounts, Frosinone). Mem. Descr. Carta Geol. d'It., v.106, p. 137-144, 2020.

FRÉDÉRIC, M. *O Brasil no tempo de dom Pedro II: 1831-1889*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991.

GERALI, F. S. Dalle Alpi Liguri alle foci del Magra. Sperimentalismo e indagine sul territorio nel viaggio scientifico di Paolo Spadoni del 1790. *Memorie dell'Accademia Lunigianese di Scienze 'Giovanni Capellini'*, v.80, p. 289-318, 2012.

GORCEIX, C. Cartas de Henri Gorceix a d. Pedro II. In: LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Ouro Preto: Editora Fundação Gorceix, 1977.

GSI - GEOLOGICAL SURVEY OF ISRAEL. *Jericho Map*. Israel: Geological Survey of Israel, 1974. 1 mapa, color. Escala 1:50.000.

GSI - GEOLOGICAL SURVEY OF ISRAEL. *Jericho Map*. Israel: Geological Survey of Israel, 2016. 1 mapa, color. Escala 1:50.000.

HALLIDAY, W. R.; CIGNA, A. A. The Grotta Del Cane (Dog Cave), Naples, Italy. *Cave and Karst Science*, v. 33, n. 3, p. 131-136, 2006.

HORNUNG, J. B. C. *Análise das condições de uso do Parque Estadual do Monge, município da Lapa (PR)*. 2007. 96f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, 2007.

JERNIGAN, J. W.; SWIFT, R. J. A mathematical model of air temperature in Mammoth Cave, Kentucky. *Journal of cave and karst studies*, v. 63, n. 1, p. 3-8, 2001.

KIPFER, B. A. *Encyclopedic dictionary of archaeology*. New York: Kluwer Academic, 2000.

LA RUSSA, M. F.; RUFFOLO, S. A.; RICCA, M.; RICCI, S.; DAVIDDE, B.; BARCA, D.; CAPRISTO, V. *A multidisciplinary approach for the study of underwater artefacts: the case of Tritone Barbato marble statue (Grotta Azzurra, Island of Capri, Naples)*. *Periodico di Mineralogia*, v. 82, n. 1, 2013.

MAJO, E. I fenomeni vulcanici della grotta del Cane (Campi Flegrei) in rapporto alle variazioni atmosferiche. *Bulletin Volcanologique*, v. 4, p. 84-92, 1927.  
<https://doi.org/10.1007/BF02719519>.

MANGIN, A.; BOURGES, F.; D'HULST, D. Painted caves conservation: a stability problem in a natural system (the example of the prehistoric cave of Gargas, French Pyrenees). *Comptes Rendus de l'Academie des Sciences Series IIA Earth and Planetary Science*, v. 5, n. 328, p. 295-301, 1999. [https://doi.org/10.1016/S1251-8050\(99\)80120-7](https://doi.org/10.1016/S1251-8050(99)80120-7).

MOSSÉ, B. *Dom Pedro II, Imperador do Brasil: o Imperador visto pelo barão do Rio Branco / Benjamin Mossé*. – Brasília: FUNAG, 2015.

MOURA, M. T. T. de. O Carste da Região de Prudente de Moraes–MG. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 73, p. 125-149, 2017.

MUSEU IMPERIAL. *Patrimônio da Humanidade*. Petrópolis, RJ, 2010-2015. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/palacio/patrimonio-da-humanidade.html>> Acesso em: 10 mar. 2016.

NATIONAL PARK SERVICE. *Mammoth Cave -Frequently Asked Questions*, 2021. Disponível em: <https://www.nps.gov/macaca/faqs.htm> Acesso em: 20 jan. 2021.

PALMER, A. *A Geological Guide to Mammoth Cave National Park*. New Jersey: Zephyrus Press, 1981.

PALMER, A. Mammoth cave region, United States. In: GUNN, J. (Ed.). *Encyclopedia of caves and karst science*. New York: Fitzroy Dearborn, 2004. p.1060-1067.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem à Costa Leste – 1ª Parte (Bahia)*. 01/10 a 07/11/1859. Volume 2.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem de Petrópolis a Juiz de Fora*. 22/06 a 27/06/1861. Volume 8.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Autobiográfico*. 31/12/1861 a 05/01/1862. Volume 9.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *1ª Viagem ao exterior – 1ª Parte (Europa)*. 25/05 a 23/06/1871. Volume 11.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *1ª Viagem ao exterior – 2ª Parte (Europa)*. 14/09 a 08/10/1871. Volume 12.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem ao exterior - 3ª Parte (Egito e Europa)*. 03 a 14/11/1871. Volume 13.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem a Campos e São Fidélis - RJ*. 14 a 16/06/1875. Volume 15.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *2ª Viagem ao exterior – 1ª Parte (América do Norte)*. 29/04 a 24/06/1876. Volume 17.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *2ª Viagem ao exterior – 2ª Parte (Oriente Médio)*. 14/11 a 04/12/1876a. Volume 18.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *2ª Viagem ao exterior – 3ª Parte (Oriente Médio)*. 04 a 06/12/1876b. Volume 19.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *2ª Viagem ao exterior – 4ª Parte (Egito)*. 11 a 23/12/1876c. Volume 20.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *2ª Viagem ao exterior – 5ª Parte (Egito)*. 24/12/1876 a 06/01/1877. Volume 21.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem ao Paraná*. 17/05 a 07/06/1880. Volume 23.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem a Minas Gerais – 1ª Parte*. 26/03 a 19/04/1881a. Volume 24.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem a Minas Gerais – 2ª Parte*. 19 a 30/04/1881b. Volume 25.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *3ª Viagem ao exterior – 1ª Parte*. 30/06/1887 a 26/04/1888. Volume 27.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Viagem para o exílio*. 06/11/1889 a 11/01/1889. Volume 29.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Exílio*. 12/01 a 27/03/1890. Volume 30.

RIESNER, R. *Paul's early period: chronology, mission strategy, theology*. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1998.

ROBINSON, E. *Biblical Researches in Palestine, Mount Sinai and Arabia Petrea: A Journal of Travels in the Year 1838*. Boston: Crocker & Brewster, 1841. Disponível em: <https://archive.org/details/biblicalresearch00smitgoog> Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTUCCI, D. *Sulla grotta di Collepardo e i suoi contorni*. Lettere dell'abate Domenico Santucci. Tip. G. Gratiot, Parigi, 1845.

SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAYLOR, A. An Account of the Grotta del Cane; with Remarks on Suffocation by Carbonic Acid. *The London medical and physical journal*, v. 13, n. 76, p. 278-285, 1832.

TRAVASSOS, L.E.P. *Cavernas de importância cultural mundial: alguns exemplos selecionados*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

TRAVASSOS, L.E.P. *The cultural importance of karst and caves*. 2011. Tese (Doutorado em Carstologia) - Univerza v Novi Gorici, Fakulteta za podiplomski študij. Disponível em: <https://repozitorij.ung.si/IzpisGradiva.php?id=1785&lang=eng> Acesso em: 20 jan. 2021.

TRAVASSOS, L.E.P.; MEIRELES, S. R. M. Karst and caves through the eyes of the Brazilian Emperor, Dom Pedro II (1831-1889). In: *INTERNATIONAL CONGRESS OF SPELEOLOGY*, 17, 2017, Sydney. Proceedings... Sydney: UIS/ASF, 2017. v. 1. p. 446-446.

WACHOWICZ, R. *História do Paraná*. 10.ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2010.

---

**Luiz Eduardo Panisset Travassos**

Doutor em Geografia (PUC Minas) e Doutor em Carstologia pela Universidade de Nova Gorica (Eslovênia). Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas e da UFMG. Professor visitante da Universidade de Nova Gorica, Eslovênia.

Avenida Dom José Gaspar 500, Coração Eucarístico, Belo Horizonte, Minas Gerais.  
CEP: 30535901

E-mail: luizepanisset@gmail.com

**Sebastião Ricardo Machado Meireles**

Historiador, Mestre em Geografia (PUC Minas) e Professor do Centro Universitário de Caratinga (UNEC), Brasil.

Av. Moacir de Matos, 49 – Centro. Caratinga, MG. CEP: 35.300-047

E-mail: sebastiao.ricardo@outlook.com

---

Recebido para publicação em fevereiro de 2021.

Aprovado para publicação em junho de 2021.